

BÍBLIA DEUS CAMINHANDO COM A GENTE

SEMANÁRIO PARA CÍRCULOS BÍBLICOS

APROFUNDAMENTO I

“JESUS CRISTO FEITO CARNE NOS EVANGELHOS DAS COMUNIDADES CRISTÃS”

O que existia desde o princípio, o que temos ouvido, o que temos visto com nossos olhos, o que temos contemplado e nossas mãos têm apalpado: a Palavra da Vida; isso que temos visto e ouvido, estamos anunciando a vocês, para que vocês estejam em comunhão conosco. E nossa comunhão é com o Pai e com seu Filho Jesus Cristo. Estamos escrevendo essas coisas a vocês, para que nossa alegria seja completa (1,1.3-4)

A abertura da carta descreve a mensagem principal: a Palavra da Vida é Jesus feito carne (4,2), que “nossas mãos têm apalpado”. Ele liberta as pessoas por sua existência humana, sua prática de justiça e de amor até a entrega da própria vida pela nossa salvação: “Porque Jesus entregou sua vida por nós; portanto, também nós devemos entregar a vida pelos irmãos. Como pode o amor de Deus permanecer em quem possui os bens deste mundo, se esse tal vê seu irmão passando necessidade e lhe fecha o coração?” (3,16-17).

“Quem possui os bens deste mundo”, “Seu irmão passando necessidade”... É na realidade da vida de Jesus histórico que o amor de Deus se manifesta e se concretiza. Por que a ênfase na encarnação do Filho de Deus? No tempo da 1Jo, havia quem não aceitasse a encarnação de Jesus Cristo, sua paixão, morte e ressurreição. Para os dissidentes, o verdadeiro Deus não poderia habitar no corpo humano, considerado essencialmente mal. Eles são os precursores de uma corrente cristã que se desenvolveu do gnosticismo (*gnosis*, em grego: conhecimento) e do docetismo (*dokein*, em grego: parecer) do séc. II, baseados no dualismo do espírito e do corpo, do bem e do mal. Negavam a existência de um corpo material a Jesus Cristo, que seria apenas espírito.

Desde a sua fundação, o movimento cristão teria sofrido e combatido essa doutrina (teologia e catequese), que nega a encarnação e o corpo humano de Jesus Cristo. Por volta do ano 50, por exemplo, Paulo retoma um hino do culto cristão, afirmando a encarnação do Filho de Deus: “Ele estava na forma de Deus, mas renunciou ao direito de ser tratado como Deus. Pelo

contrário, esvaziou-se a si mesmo e tomou a forma de servo, tornando-se semelhante aos homens” (Fl 2,6-7). Na primeira carta aos Coríntios, Paulo testemunha Cristo crucificado, o sofrimento de Jesus na carne: “Os judeus pedem sinais e os gregos buscam sabedoria, ao passo que nós anunciamos Cristo crucificado, escândalo para os judeus, loucura para as nações” (1Cor 1,22-23).

No combate contra o grupo que considera Jesus Cristo puramente espírito, as comunidades cristãs apresentam, de maneira mais explícita, Jesus Cristo humano e divino nos evangelhos. Em geral, os evangelistas salientam a divindade do Cristo Jesus, coroada com glória na ressurreição, como, por exemplo, no evangelho de João: “Os discípulos tinham remado uns cinco ou seis quilômetros, quando viram Jesus andando sobre o mar e chegando perto do barco” (Jo 6,19). O Jesus soberano com poder sobrenatural, descrito nos evangelhos, é o Jesus ressuscitado para animar e conduzir a comunidade cristã nos caminhos da salvação.

Mas Jesus Cristo feito carne é também interpretado e transmitido nos evangelhos. E, ao ler os relatos sobre a vida, palavra e prática de Jesus de Nazaré, não é difícil perceber uma longa história de redação, condicionada pelas diferentes realidades das comunidades. No seguimento de Jesus Cristo, cada comunidade recorda, reflete e interpreta Jesus histórico a partir de sua diferente realidade sociopolítica. Eis aqui textos exclusivos de cada comunidade que apresentam a realidade humana de Jesus, sua palavra e sua prática:

1) Jesus, o servo sofredor, no evangelho de Marcos

Se alguém quiser seguir após mim, negue-se a si mesmo, carregue sua cruz e me siga. Pois quem quiser salvar a própria vida, a perderá. Mas quem perder a própria vida por causa de mim e do evangelho, a salvará (Mc 8,34-35).

Esse texto possivelmente nasceu na comunidade de Marcos, por volta do ano 70, na Galileia. A dominação romana, com sua helenização (criação de cidades, desenvolvimento comercial, aumento de tributos, busca



impiedosa de bens e de poder, entre outros), prejudicou os camponeses, enfraquecendo as aldeias da Palestina. Muitos camponeses endividados perderam suas terras, sofrendo com pobreza e fome. Com a guerra judaica (66-73 d.C.), a situação piorou de vez... No sofrimento e no desespero, surgiram as várias revoltas na Palestina, com a esperança nacionalista da chegada de um messias rei que viria para destruir os dominadores e implantar o reino de Deus. A visão de messianismo triunfalista com poder e violência contagiou também a comunidade de Marcos e seu seguimento de Jesus de Nazaré, provocando uma crise existencial.

A descrição de Jesus como servo sofredor (Is 42,1-9) foi a resposta da comunidade para essa crise (Mc 8,27-38). O evangelho de Marcos retoma e reforça o ensinamento de que o messianismo de Jesus passa pela cruz porque ele assumiu a causa da justiça até o fim (Mc 14,36). Seguir Jesus implica seguir o mesmo caminho, que é o da compaixão, da ternura e da solidariedade com os crucificados da história.

2) Jesus encarnado na pessoa “impura”, no evangelho de Mateus

Pois tive fome e vocês me deram de comer, tive sede e me deram de beber, era estrangeiro e me acolheram, estava nu e me vestiram, estava doente e me visitaram, estava na cadeia e vieram me ver (Mt 25,35-36).

Após a destruição do templo e o desaparecimento dos grupos influentes, como saduceus e herodianos, na guerra judaica, os judeus fariseus, com o apoio do império romano, passam a se considerar o verdadeiro Israel e autoridade judaica, e se empenham na reorganização dos valores e crença do judaísmo, tendo como instituição central a sinagoga. Um pouco mais tarde, ao interpretar e impor a lei do puro e do impuro com a teologia da retribuição, eles pregam a salvação pela estrita observância da lei e controlam o cotidiano do povo, condenando as pessoas pobres, doentes e forasteiros como impuros. Perseguem quem não segue a linha oficial.

Um dos grupos perseguidos é o dos judeus cristãos da comunidade de Mateus. Eles insistem: Jesus morto na cruz, escândalo para os judeus fariseus, é o verdadeiro Messias, Emanuel – Deus conosco (Mt 1,23; 18,20; 28,20) –, e o Messias da lei baseada na justiça e na misericórdia (Mt 9,13). Para a comunidade, Jesus não é um messias poderoso, triunfalista e ritualista, mas é um messias servo com a prática do amor, da misericórdia e da justiça, encarnado no meio dos impuros (Mt 5,6-7).

3) Jesus, o defensor dos pobres, no evangelho de Lucas

Felizes vocês, os pobres, porque de vocês é o Reino de Deus. Felizes vocês, que agora têm fome, porque serão saciados. Felizes vocês, que agora choram, porque terão de sorrir. (...) Mas ai de vocês, ricos, porque já têm a própria consolação. Ai de vocês, que agora estão saciados, porque terão fome (Lc 6,20–21;24-25).

Lucas retoma o Evangelho Q (v. 20-21), composto durante a década de 40 d.C., na Galileia, e nele acrescenta os textos exclusivos (v. 24-25) para responder um dos problemas graves da comunidade: a avariza dos ricos, o acúmulo e a falta de compaixão e de solidariedade com os pobres no mundo escravagista (Lc 16,19-31) onde surgiu o Evangelho, possivelmente na grande cidade de Éfeso, na Ásia Menor, por volta do ano 90.

O evangelho de Lucas é conhecido como o evangelho do caminho (Lc 24,13-35). No caminho, o evangelho destaca a palavra e a prática de Jesus encarnado, compassivo e solidário com as pessoas marginalizadas e excluídas. É caminho aberto para o próximo que, diante do homem necessitado, o samaritano “move-se de compaixão” (Lc 10,29-37); a mulher é perdoada porque muito amou, e o mesmo acontece com Zaqueu, que se dispõe a mudar de vida para a partilha e a solidariedade (Lc 7,36-50; 19,1-10).

4) Jesus, o bom pastor, no evangelho de João

Eu sou a porta das ovelhas. Todos o que vieram antes de mim são ladrões e assaltantes; porque as ovelhas não os ouviram. (...) Eu sou o bom pastor: conheço as minhas ovelhas, e elas me conhecem, assim como o Pai me conhece e eu conheço o Pai, e exponho a minha vida pelas ovelhas (Jo 10,7-8.14-15).

Por viver o projeto de Jesus, o bom pastor, a comunidade joanina enfrentou uma situação de constante conflito na cidade de Éfeso, por volta do ano 100. Além dos conflitos internos por causa da diversidade de grupos existentes na comunidade (judeus tradicionais, samaritanos, gregos etc.), enfrentou forte oposição dos judeus fariseus e do império romano: “O mundo odeia e persegue vocês” (cf. Jo 15,18–16,4).

Esse desafio fez a comunidade fortalecer, ainda mais, o laço de amor e solidariedade entre as pessoas, o que transparece na palavra e na prática de Jesus humano, relida e reescrita: “Jesus disse: ‘Onde vocês colocaram Lázaro?’ Disseram-lhe: ‘Senhor, vem e vê.’ E Jesus chorou” (Jo 11,34-35); “Se o grão de trigo, ao cair na terra, não morrer, ficará sozinho. Mas, se morrer, produzirá muito fruto” (Jo 12,24); “Pois bem, se eu lavei os pés de vocês, eu que sou o Senhor e o Mestre, vocês também devem lavar os pés uns dos outros” (Jo 13,14); “Este é o meu mandamento: Amem-se uns aos outros, assim como eu amei a vocês” (Jo 15,12).

Tudo isso testemunha que as comunidades cristãs dos evangelhos sinóticos e o de João não separam o Cristo divino do Jesus da história. Não separam a fé no Cristo da vida prática que Jesus viveu! Elas combatem os dissidentes “espirituais” que não acreditam na encarnação do Filho de Deus e não praticam o mandamento do amor ao próximo.

Este é um desafio de ontem e de hoje: como acreditar e vivenciar o Deus encarnado em nosso meio? Como exercer o amor a Deus com o amor ao próximo? “Quem diz que está na luz, mas odeia seu irmão, está na escuridão até agora” (2,9), assim alerta a primeira carta de João.





APROFUNDAMENTO II

CONTRA O MUNDO DA MORTE

A primeira carta de João apresenta o conflito com o mundo da morte:

- “Não amem o mundo, nem o que há no mundo. Se alguém ama o mundo, o amor do Pai não está nele. Pois tudo o que há no mundo – os maus desejos vindos da carne e dos olhos, a arrogância provocada pelo dinheiro – são coisas que não vêm do Pai, mas do mundo” (2,15-16);
- “E não fiquem espantados, irmãos, se o mundo odeia vocês. Nós sabemos que passamos da morte para a vida, porque amamos aos irmãos. Quem não ama permanece na morte” (3,13-14);
- “Filhinhos, vocês são de Deus e estão vencendo os falsos profetas, pois aquele que está em vocês é maior do que aquele que está no mundo. Eles são do mundo, e por isso falam a linguagem do mundo, e o mundo os ouve” (4,4-5);
- “Porque todo aquele que nasceu de Deus vence o mundo. E esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé. Quem é que pode vencer o mundo, a não ser quem acredita que Jesus é o Filho de Deus? (5,4-5).

Inserida no mundo greco-romano, a comunidade da primeira carta de João observa e experimenta os males do mundo: “purificará de toda injustiça” (1,9); “os maus desejos vindos da carne e dos olhos, a arrogância provocada pelo dinheiro” (2,16); “todo aquele que não pratica a justiça, quem não ama seu irmão, não é de Deus” (3,10); “todo aquele que odeia seu irmão é homicida” (3,15); “seu irmão passando a necessidade” (3,17).

O mundo greco-romano, baseado na sociedade escravagista do império romano, está marcado pela desigualdade, injustiça, miséria, fome, opressão e violência. É o mundo da morte, promovido pelo “Maligno”. O que se percebe no mundo greco-romano, também chamado de “helenista”, é a realidade desumana dos pobres e escravizados. Em geral, cerca de dois terços – duas em cada três pessoas - da população da cidade greco-romana como Éfeso é constituída de escravos, vivendo na miséria e insegurança.

São pessoas massacradas e engolidas pela helenização promovida pelo império romano. Como pregam os ímpios do livro da Sabedoria, os pobres e os fracoss devem ser oprimidos, explorados e eliminados segundo “a lei do mais forte” e o espírito “maligno” de uma busca incessante de bens, poder, prazer e honra (Sb 2,1-20).

Exatamente nesse mundo greco-romano, marcado pelo helenismo, a comunidade de 1Jo prega e vive a palavra, a vontade e o amor do Pai: “Escrevi a vocês, filhinhos, porque vocês conheceram o Pai. Escrevi a vocês, pais, porque vocês conheceram aquele que existe desde o princípio. Escrevi a vocês, jovens, porque são fortes, e a palavra de Deus permanece em vocês, e vocês estão vencendo o Maligno!” (2,14).

Como viver a vontade do Pai e “daquele que existe desde o princípio”, ou seja, Jesus Cristo Verbo encarnado? Como pregar e viver o espírito cristão no mundo do Maligno que busca de forma desenfreada bens, poder, prazer e honra? As respostas estão em quase todos os textos cristãos primitivos – de modo especial, na literatura sinótica, paulina, joanina e nas cartas católicas (Tg; 1 e 2Pd; 1, 2, e 3Jo; Jd). Eis aqui algumas respostas da primeira carta de João e de outras cartas católicas, escritas no fim do século I:

- 1) *Bens*: “Como pode o amor de Deus permanecer em quem possui os bens deste mundo, se esse tal vê seu irmão passando necessidade e lhe fecha o coração?” (3,17). No mundo greco-romano, a classe dominante como benfeitora distribui donativos para os pobres em favor de seu próprio benefício, deixando os dominados como devedores de lealdade aos dominadores. Em vez da troca de benefício, a comunidade cristã introduz a prática da misericórdia: o amor ao próximo. Os cristãos pregam e experimentam a partilha de bens no lugar da acumulação indevida que gera a necessidade e a miséria do povo: “Escutem, meus queridos irmãos: Não foi Deus quem escolheu os pobres de bens neste mundo para que fossem ricos na fé e herdeiros do Reino que prometeu aos que o amam? No entanto, vocês desprezaram o pobre. Não são os ricos que oprimem vocês e os arrastam aos tribunais? Não são eles que blasfemam contra o Nome sublime que foi invocado sobre vocês? Se vocês, ao contrário, observarem a lei do Reino, segundo está escrito: ‘Ame seu próximo como a si mesmo’, estarão agindo bem” (Tg 2,5-8).
- 2) *Poder*: “Porque todo aquele que nasceu de Deus vence o mundo. E esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé (5,4); “Neste mundo vocês terão aflições, mas tenham coragem: Eu venci o mundo” (Jo 16,33). Na tradição bíblica, o poder vem de Deus para o serviço da justiça e da vida (Pr 8,12-16; Sb 6,3; 9,1-3). Deus, que se alia aos que são





explorados e marginalizados, vence o mundo das autoridades injustas e malvadas para estabelecer o poder-serviço, na justiça e no amor (Sb 6,1-5). O mundo dos ricos e dos detentores do poder será vencido pela mão de Deus e cairá: “O irmão pobre se glorie por ser exaltado, e o rico se glorie por perder sua alta posição, já que vai desaparecer como a flor do campo. Quando o sol surge com seu calor, a relva seca, a flor murcha e a beleza de sua aparência morre. É assim que o rico murchará em seus negócios” (Tg 1,9-11).

- 3) *Prazer* (desejo): “Pois tudo o que há no mundo – os maus desejos vindos da carne e dos olhos, a arrogância provocada pelo dinheiro – são coisas que não vêm do Pai, mas do mundo” (2,16). O mundo helenista, marcado pela busca desmedida de bens e prazer (cf. Sb 2,1-20), explora o corpo da pessoa em todas as dimensões: a libertinagem, o trabalho escravo etc. Os corpos são destituídos de dignidade (cf. 1Ts 4,1-12). Segundo a comunidade cristã da primeira carta de João, viver a vontade do Pai implica construir relações pautadas no amor e na solidariedade, considerar cada pessoa em sua dignidade de filha e filho de Deus, Pai criador. Os cristãos devem valorizar o próprio corpo e o dos outros para não cair em licenciosidade: “Por que se infiltraram entre vocês alguns indivíduos há tempo marcados para esta sentença: homens sem piedade, que transformam a graça de nosso Deus em pretexto para a indecência e renegam o único mestre e Senhor, Jesus Cristo” (Jd 4; cf. Tg 4,16).
- 4) *Honra* (*status*): “Se vocês sabem que Jesus é justo, saibam que todo aquele que pratica a justiça nasceu

dele. Vejam que mostra de amor o Pai nos tem dado: sermos chamados filhos de Deus. E nós o somos! Por causa disso, o mundo não nos conhece, porque também não conheceu a Deus” (2,29-3,1). No lugar da estratificação social da sociedade escravagista, os cristãos introduzem as relações de irmandade como filhos do mesmo Pai. Na prática, é superar a desigualdade e a diferença de *status* para implementar a mensagem do amor ao próximo na vida comunitária: “Suponhamos que entre na sinagoga (assembleia) de vocês alguém com anéis de ouro e roupas elegantes, e entre também um pobre todo esfarrapado. Então vocês dão atenção a quem está com roupas elegantes, e lhe dizem: ‘Sente-se aqui neste lugar confortável!’ e ao pobre vocês dizem: ‘Fique de pé, ou: ‘Sente-se aí no chão, abaixo do estrado de meus pés’. Nesse caso, não estariam vocês fazendo diferença entre vocês mesmos e julgando com critérios perversos?’” (Tg 2,2-4).

A vida que o mundo oferece é atrativa: bens, poder, prazer e honra. Os desejos e ambições seduzem e até matam a pessoa no mundo. Nele se encontra a comunidade cristã de ontem e hoje, e esta só tem razão de existir quando se deixa guiar pelo amor de Deus: “Não amem o mundo, nem o que há no mundo. Se alguém ama o mundo, o amor do Pai não está nele” (2,15).

Enfim, cabe a cada cristão escolher e crer no amor de Deus, concretizado na vida do Jesus da história e em seu mandamento do amor ao próximo: “Porque este é o amor a Deus: guardar seus mandamentos. Porque todo aquele que nasceu de Deus vence o mundo. E esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé. Quem é que pode vencer o mundo, a não ser quem acredita que Jesus é o Filho de Deus?” (5,3-5).



Editora: Pia Sociedade de São Paulo - PAULUS (Paulinos) — **Diretor:** Valdir José de Castro — **Endereço:** Rua Francisco Cruz, 229 - Vila Mariana - 04117-091 - São Paulo - SP - Tel. (11) 5087-3700 - editorial@paulus.com.br - paulus.com.br — **Esta remessa de Bíblia-Gente é uma gentileza da PAULUS e não pode ser vendida.**

